



Fotograma do filme *O Improvável não é Impossível* (2006) de Manoel de Oliveira

O IMPROVÁVEL NÃO É IMPOSSÍVEL 2006

Realização e argumento: Manoel de Oliveira

Direção de fotografia: Francisco de Oliveira

Direção musical: Lawrence Foster

Som: Henri Mäikoff

Montagem: Valérie Loiseleux, Catherine Krassovsky

Assistente de realização: João Pedro Bénard

Anotação: Júlia Buisel

Produtor: Miguel Cadilhe

Produção: Filbox para a Fundação Calouste Gulbenkian

Cópia: 35 mm, cor

Duração: 19 minutos

Estreia: Fundação Calouste Gulbenkian, 18 de julho de 2008.

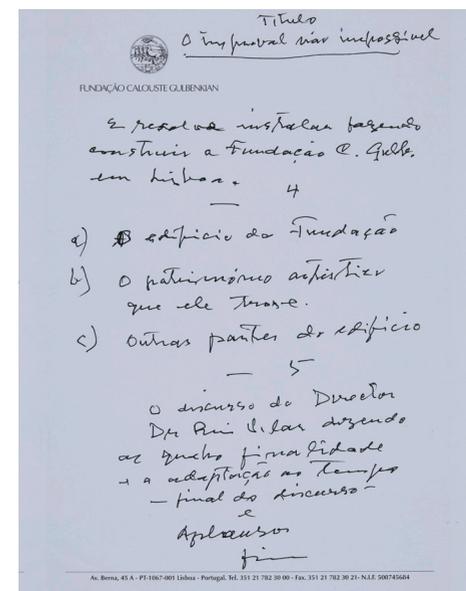
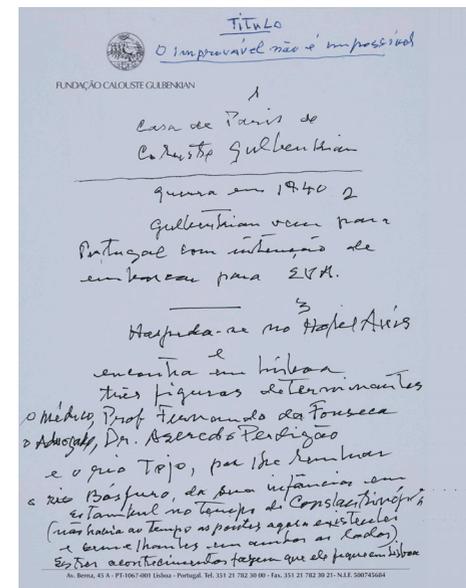
Resultado de uma encomenda da Fundação Calouste Gulbenkian, pelos seus cinquenta anos, *O Improvável não é Impossível* é uma das curtas-metragens realizadas durante a década de 2000 a partir de diversas solicitações de festivais ou entidades prestigiadas. Manoel de Oliveira utiliza, neste filme, uma linguagem documental bastante clara, até mesmo pedagógica, iniciando com uma contextualização da vida atribulada de Calouste Gulbenkian, mostrando como a sua chegada a Portugal é consequência direta das ações militares da Alemanha nazi e que a sua fixação no nosso país se deveu, sobretudo, a duas pessoas - Fernando Fonseca e Azeredo Perdigão (figura que aparecerá neste documentário através de material de arquivo) - mas também ao seu encantamento com o Rio Tejo, que lhe lembrava a Istambul da infância. De facto, Oliveira opta, desde o início, por elevar esta figura charneira da cultura portuguesa, mostrando como as suas atividades se devem também à sua história e mundividência. O cineasta é obviamente um admirador desta personagem marcante.

A Fundação Calouste Gulbenkian tem, como é sabido, um papel central na cultura portuguesa das últimas décadas. O próprio Manoel de Oliveira é devedor do seu profícuo apoio ao cinema português, sobretudo no início da década de 1970, através da sua associação ao Centro Português de Cinema. Foi da atividade deste Centro e do apoio da Gulbenkian que Oliveira realizou *O Passado e o Presente* (1972) e *Benilde ou a Virgem Mãe* (1975).

Depois dessa primeira parte mais histórica, o filme inicia um percurso pelo mundo contido dentro das paredes da Gulbenkian. Esse mundo desfila através de estátuas, desenhos, dança, pintura, escultura, peças decorativas e vestuário, devidamente acompanhados por uma plêiade de diferentes músicas (de proveniências díspares, como comprovam os créditos finais). A visão de Oliveira coincide, portanto, com a de uma Fundação que se abre à história da humanidade, mas também àquilo que o humano tem de mais contemporâneo e cosmopolita. Essa atualidade é obviamente acentuada pela paisagem do edifício modernista e dos magníficos jardins da Gulbenkian. Um a um, todos os grandes projetos desfilam, terminando com um ensaio de orquestra.

Há contudo, uma fina ironia neste pequeno filme: Oliveira filma, diversas vezes, portas dos diferentes edifícios que abrem e fecham, num frenesim de entradas e saídas invisíveis que mostram como a Fundação é um lugar de movimento, que tanto pode ser um movimento de aproximação como um movimento de fuga. Essas sucessivas portas intercalam obras maiores da coleção e são um contraponto misterioso com essa magnificência da Gulbenkian. Curiosa é também a forma como Oliveira filma um discurso de Emídio Rui Vilar, na altura Presidente do Conselho de Administração, numa pose institucional que contrasta com a estátua descomprometida de Calouste Gulbenkian nos jardins da Fundação. *O Improvável não é Impossível* mostra, assim, ao mesmo tempo, uma certa institucionalização e uma abertura ao novo, um equilíbrio instável em qualquer instituição cultural prestigiada que misture o passado com o futuro.

Daniel Ribas
Dezembro de 2015



Primeiro esquema manuscrito do argumento do filme *O Improvável não é Impossível* (2006) de Manoel de Oliveira, depositado na Casa do Cinema Manoel de Oliveira – Fundação de Serralves.